

“UM NEGRÃO DE TIRAR O CHAPÉU”: HIPERSEXUALIZAÇÃO E HIPEREROTISMO DE CORPOS NEGROS EM UM APLICATIVO DE RELACIONAMENTO GAY¹

“A BLACK MAN WORTHY OF TAKING THE HAT OFF”: HYPERSEXUALIZATION AND HYPEREROTICISM OF BLACK BODIES ON A GAY DATING APP

Lucas Oliveira Silva²

Augusto Ferreira Ramos Filho³

RESUMO: Esta pesquisa parte das temáticas centrais de raça e sexualidade, com o objetivo de analisar como os corpos negros são percebidos no aplicativo de relacionamentos Grindr. Considera-se, para isso, o modo como as narrativas sobre o corpo negro foram historicamente atravessadas por preconceitos e estigmas. O estudo investiga fenômenos como a hipersexualização e o hipererotismo são disseminados e reforçados nas plataformas digitais voltadas a relacionamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Preconceitos; Etnografia virtual; Expectativas sociais

ABSTRACT: This research addresses the central themes of race and sexuality, with the aim of analyzing how black bodies are perceived on the dating app Grindr. It considers how narratives about the black body have historically been shaped by prejudice and stigma. The study investigates phenomena such as hypersexualization and hypereroticism, examining how they are disseminated and reinforced on digital platforms oriented toward relationships.

KEYWORDS: Sexuality; Prejudices; Virtual ethnography; Social expectations



<https://doi.org/10.23925/2176-4174.36.2025e73457>

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

² Graduando em História (UNEAL). Universidade Estadual de Alagoas. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5509-8412> E-mail: lucasoliveirabl444@gmail.com

³ Doutor em Administração (UFPB). Universidade Estadual de Alagoas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8375-4024> E-mail: augusto.filho@uneal.edu.br

Recebido em: 27/09/2025.

Aprovado em: 16/10/2025.

Publicado em: 01/12/2025.

Introdução

Ao longo da história, os corpos negros foram atravessados por diferentes formas de estigmatização e desejo, o que se reflete em espaços virtuais contemporâneos, como os aplicativos de relacionamento. Nesta pesquisa propomos a analisar como os corpos negros são percebidos nos ambientes digitais. Por meio de uma etnografia virtual, buscamos investigar, em um quase-experimento, possíveis respostas a essa questão. O corpo negro, historicamente marcado por estigmatização, desejo e violência, continua a ser alvo de leituras sociais que naturalizam distinções e hierarquias.

Este estudo se insere na interseção entre raça, sexualidade e tecnologias digitais, problematizando como os corpos negros, em especial os de homens negros gays, são atravessados por narrativas que os associam à virilidade, à potência sexual, ao objeto de prazer e ao lugar do hipererótico. Para tanto, a investigação foi conduzida no Grindr, aplicativo voltado a encontros amorosos e/ou sexuais que opera por geolocalização. Nesse espaço, foram criados dois personagens: Luan e Rafa, homens negros, retintos, ambos com 26 anos. A performance sexual de Luan foi marcada no perfil como ativa (quem penetra), enquanto a de Rafa foi apresentada como passiva (quem é penetrado). Esses personagens não podem ser vistos apenas como recursos metodológicos, mas como espelhos que evidenciam como os imaginários raciais atravessam a leitura social dos corpos negros nesses ambientes digitais.

Assim, o estudo busca desconstruir estereótipos associados ao corpo negro, promovendo um entendimento mais complexo e integral das vivências de masculinidades negras e *queer*⁴. Ao abrir espaço para discussões sobre a interseccionalidade entre raça e sexualidade, permite-nos refletir sobre como essas dimensões afetam experiências, identidades e relacionamentos. Além disso, contribui para dar visibilidade às vivências de homens negros em aplicativos de relacionamento gay, evidenciando de que modo a hipersexualização impacta as interações e a formação de identidades no espaço virtual.

⁴ Termo refere-se a pessoas não heterossexuais e que fogem a normatização de gênero e/ou sexualidade.

O presente artigo não tem como finalidade oferecer respostas definitivas, mas sim expor e investigar de que maneira os discursos com viés racista se perpetuaram no Brasil, consolidaram-se historicamente e seguem sendo reproduzidos na atualidade. Para discutir o conceito de discurso, recorremos a Foucault (1996, p. 46), que o define como:

A reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; é quando tudo pode enfim tomar a forma de discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.

A partir dessa perspectiva, consideramos que determinados discursos foram historicamente atribuídos aos corpos negros como estratégia de controle e classificação, incidindo não apenas sobre a dimensão física, mas também sobre as subjetividades. Esse processo operou como forma de moldagem de uma consciência coletiva que naturaliza distinções e diferenciações de maneira violenta. Assim, a verdade imposta ao corpo negro, construída e reiterada ao longo do tempo, não apenas estruturou modos de perceber o outro, mas também sustentou e continua a reproduzir concepções marcadamente preconceituosas. Tais concepções, ora conscientes, ora inconscientes, revelam-se nas interações analisadas ao longo desta pesquisa.

Os resultados desta investigação podem contribuir para a construção de ambientes mais inclusivos e respeitosos nas interações mediadas por aplicativos de relacionamento. Em um contexto em que essas plataformas reconfiguram as formas de sociabilidade, torna-se fundamental refletir sobre como questões de raça e sexualidade atravessam tais experiências. Nesse sentido, é especialmente importante que homens situados em posições hegemônicas compreendam o racismo que estrutura a hipersexualização e o hiperotismo do corpo negro.

O estudo também busca sensibilizar a sociedade para a necessidade de respeito às masculinidades negras e *queers*, ao mesmo tempo em que oferece subsídios para apoiar pessoas negras que enfrentam a objetificação de seus corpos, fortalecendo estratégias de resistência e redes de apoio tanto nas vivências negras quanto na comunidade LGBTQIAPN+⁵.

⁵ A sigla LGBTQIAPN+ abarca Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Transgêneros, *Queer*, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não binários e outras possibilidades de identificação representadas pelo sinal “+” (Monaco, 2020).

Fundamentação teórica

O presente artigo se apoia em uma ampla base teórica para repensar as narrativas atreladas ao corpo negro. Nesse sentido, pretendemos contribuir para compreensão de como a imagem do corpo negro foi construída e naturalizada historicamente por meio de discursos vinculados à produção de verdade. Refletir sobre como certos discursos sobre raça e sexualidade se consolidaram ao longo do tempo significa, ao mesmo tempo, compreender como esses corpos são percebidos nos dias atuais.

No campo das ciências humanas e sociais, Gaskell (2013) ressalta que os quase-experimentos podem ser utilizados para analisar como narrativas, identidades ou práticas são mobilizadas em diferentes cenários. O foco recai, portanto, na interpretação e nos sentidos atribuídos pelos participantes às situações vividas. Assim, a fundamentação qualitativa é preservada, ao mesmo tempo em que se amplia a capacidade de observar variações entre grupos, contextos ou performances.

Seguindo essa linha, Fanon (2008) descreve de forma contundente como o olhar racializado do outro atravessa e marca a experiência corporal da pessoa negra. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, ao narrar a interpelação de uma criança branca que o aponta e diz: “Olha! Um preto!”, o autor afirma: “O outro, o branco, me fixava, me aprisionava, me gelava. Eu não era mais eu, mas um negro” (Fanon, 2008, p. 104-105). Essa cena evidencia como a subjetividade negra é violentamente reduzida à cor da pele, revelando que o racismo se inscreve não apenas no corpo físico, mas também na constituição psíquica e social do sujeito. Para Fanon, a percepção social do corpo negro não se limita a aspectos visíveis, mas opera como mecanismo de classificação e dominação, impondo significados relacionados ao desejo, ao poder e à identidade.

Nessa mesma direção, Muniz Sodré (2022) observa que:

O teste de imagem faz aparecer a forma social escravista. De fato, afastada a hipótese pseudocientífica de uma ‘outra’ raça dentro da esfera humana, a aparência (cor, cabelo, olhos, traços biométricos) avulta como um vetor antropológico decisivo para o fato discriminatório (Sodré, 2022, p. 27).

Essa leitura ajuda a compreender como o corpo negro, ainda que simulado em um aplicativo, mobiliza um conjunto de percepções coletivas que remetem à objetificação e à naturalização do racismo como estrutura de reconhecimento.

Nas interações observadas, especialmente na primeira fase do quase-experimento com o perfil descrito como ativo, percebeu-se a recorrência de uma curiosidade direcionada ao corpo negro. O desconforto emerge do fato de que, mesmo quando o perfil se autodescreve com tags⁶ como dotado, grosso e macho, tais marcas não escapavam ao imaginário racial. Pelo contrário, reforçam expectativas e estereótipos que estruturaram as abordagens recebidas ao longo dos seis meses de etnografia com os perfis no Grindr.

Essa perspectiva teórica se revela fundamental para compreender como, em espaços digitais contemporâneos como aplicativos de relacionamento, os corpos negros continuam a ser alvo de interpretações carregadas de estereótipos e hipersexualização. A análise do olhar do outro, no contexto virtual, permite observar como narrativas históricas sobre raça e sexualidade são produzidas e naturalizadas, configurando experiências de masculinidades negras muitas vezes atravessadas por hipersexualização, objetificação, prazer vinculado à posição sexual e racismo. Essas categorias foram mobilizadas ao longo da etnografia para identificar a postura dos interlocutores diante do quase-experimento.

Nesse processo, recorremos novamente a Fanon (2008 [1952]), que mostra como a sexualidade do homem negro é marcada pelo mito da virilidade e da potência sexual, e a bell hooks (2019), que em *Olhares Negros: raça e representação* analisa como a cultura dominante objetifica corpos negros, especialmente em imagens midiáticas, conectando sexualidade e poder. Já Richard Miskolci (2017), em *Desejos Digitais*, contribui ao discutir como a internet e os aplicativos moldam desejos, preferências sexuais e performances, incluindo as questões raciais e de posição sexual (ativo/passivo). Butler (2019), por sua vez, argumenta que a masculinidade hegemônica só existe quando performada, ou seja, como um conjunto de expectativas sociais que se expressam em modos de vestir, falar e agir. Como destaca bell hooks (2019), a ideia de masculinidade também se ancora em noções reducionistas de potência sexual, nas quais o pênis é tomado como definidor do “ser homem”.

Essas contribuições teóricas permitem perceber como performances de masculinidade são atravessadas por raça e sexualidade, interferindo nas experiências de homens negros gays em aplicativos de relacionamento. Ao longo da etnografia com

⁶ Em um aplicativo, as tags são rótulos ou palavras-chave que ajudam a categorizar e organizar o conteúdo, facilitando a pesquisa e a descoberta de informações relevantes.

os perfis no Grindr, notou-se uma procura insistente pela pele preta, o que confirma a observação de Sodré (2022, p. 89) de que a aparência opera como vetor central do fato discriminatório. Nessas interações, identificamos ainda camadas de violência simbólica que extrapolam o desejo, evidenciando vieses racistas e excludentes.

Dessa forma, a fundamentação teórica sustenta a escolha do quase-experimento como recurso para analisar mudanças de percepções diante de diferentes estímulos, sem perder de vista o caráter interpretativo da pesquisa qualitativa. Assim, teoria e método se articulam na direção de compreender os fenômenos sociais não apenas como dados objetivos, mas como construções atravessadas por história, discurso e experiência.

Metodologia

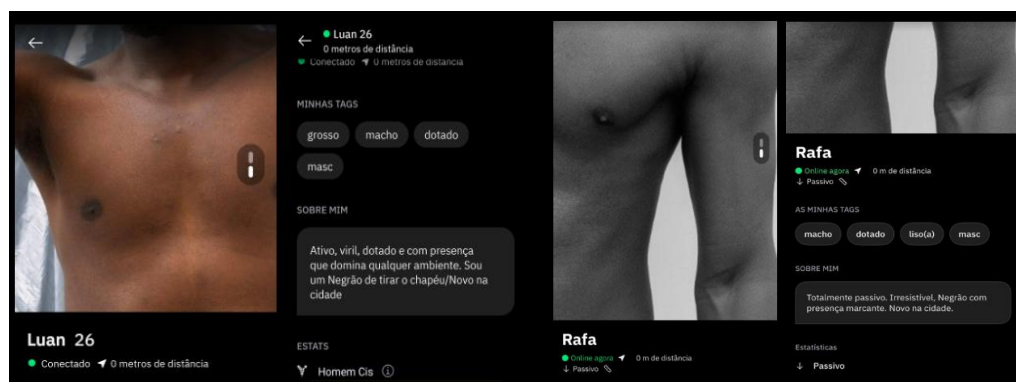
Este estudo se insere na interseção entre raça, sexualidade e tecnologias digitais, problematizando como os corpos negros, em especial os de homens negros gays, são percebidos e atravessados por narrativas que os associam à virilidade, potência sexual e ao lugar do hipererótico. Para tanto, a investigação foi conduzida a partir de uma etnografia virtual no Grindr, aplicativo voltado a encontros amorosos e/ou sexuais que opera por geolocalização.

O Grindr, criado em 2009, é direcionado ao público gay masculino e funciona na lógica *location-based real-time dating* (LBRTD) (Blackwell, Birnholtz & Abbott, 2015). Segundo os autores, o aplicativo conta com cerca de 3,6 milhões de usuários em 192 países. Trata-se de uma plataforma de interação simples, na qual é possível acessar informações dos usuários próximos, como distância, fotos, altura, peso, descrições de preferências ou identificações (as chamadas “tribos”), além de chat para mensagens e trocas de imagens. A escolha desse aplicativo justifica-se por ser o mais popular entre homens gays e pelo fato de haver poucos estudos no campo dos Estudos Organizacionais brasileiros que abordam heteronormatividade e masculinidades negras nesses espaços.

Conforme Ahlm (2017), o Grindr pode ser compreendido como uma espécie de “vila gay”, em que os sujeitos utilizam símbolos e sinais próprios para tornarem-se visíveis entre si e, simultaneamente, invisíveis para a sociedade em geral. Nesse espaço, foram criados dois perfis semelhantes, com nomes de usuário neutros, mas com identificação racial explicitada tanto nas fotos quanto nas descrições/biografias.

O primeiro perfil foi denominado Luan e o segundo Rafa. Ambos apresentavam idade idêntica, localização semelhante e características físicas iguais (altura, tipo de corpo etc.). Essas variáveis funcionaram como controle, enquanto a variável experimental foi a postura sexual declarada: um perfil adotou posição ativa (quem penetra) e o outro, posição passiva (quem é penetrado) respectivamente. As fotos utilizadas em ambos os perfis foram retiradas do <https://br.freepik.com>, um banco de imagens gratuito e de domínio público com recursos de design gráfico como vetores, imagens e *mockups*, gerador de imagem IA.

Figura 1 - Perfis no aplicativo



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Acima, estão os perfis que foram utilizados no quase-experimento, no campo “sobre mim” optamos por adicionar descrições que evidenciam a cor da pele, postura sexual e o fato de serem novos na cidade. As interações recebidas foram registradas resguardando-se o anonimato dos usuários, contemplando a qualidade das interações, a taxa de resposta, o interesse demonstrado e os *feedbacks* diretos ao longo do processo. O quase-experimento teve duração total de seis meses, divididos em dois momentos: três meses com o perfil de Luan e três meses com o perfil de Rafa. Em ambos os períodos, os perfis permaneceram online por 25 horas cada. Além da posição sexual, também variaram as tags de autodescrição (como “dotado”, “grosso” e “macho”), funcionando como marcadores experimentais de performance de masculinidade. Todas as interações obtidas durante a etnografia partiram dos usuários do Grindr, os objetos de pesquisa (Luan e Rafa) se colocavam on-line e aguardavam as interações e/ou mensagem para logo após as primeiras interações se apresentar enquanto pesquisadores.

Os instrumentos de coleta de dados foram: registros em diários de campo, acompanhamento das interações no aplicativo e observação participante dos pesquisadores. A análise etnográfica envolveu a definição de unidades de análise, estabelecidas a partir dos perfis (ativo e passivo) e das categorias previamente construídas no referencial teórico: hipersexualização, objetificação, posição sexual, assim como a categoria emergente, denominada de racismo.

Como discutido na introdução e na fundamentação teórica, o corpo negro é frequentemente associado à hipersexualização e ao hipererotismo. Assim, buscou-se observar se haveria diferenças de aceitação e interação a depender da postura sexual dos perfis.

A análise dos dados foi conduzida com base na análise de discurso, buscando compreender como estereótipos raciais e sexuais se manifestam nas interações digitais. As narrativas foram examinadas a partir de elementos como: estilo de comunicação (tom, escolha de palavras e formas de abordagem), respostas aos estereótipos (se foram reforçados ou questionados), sentimentos expressos e efeitos sobre o imaginário dos pesquisadores.

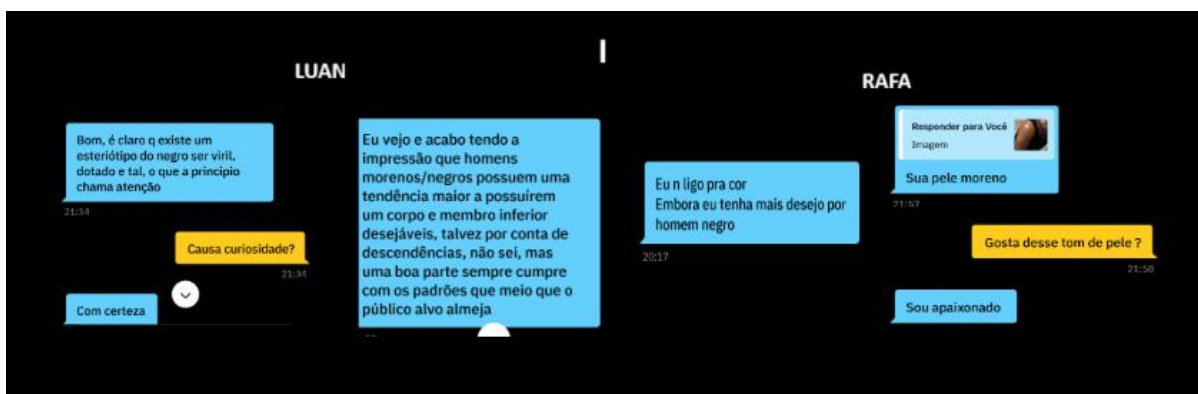
Foram observados todos os cuidados éticos, garantindo-se o anonimato dos usuários e a não divulgação de dados que permitissem sua identificação. Como não houve entrevistas diretas com participantes, não se configurou necessária a utilização de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados

Nesta seção, tomando como referência a questão norteadora, como o corpo negro é percebido nos aplicativos de relacionamento, apresentamos os principais resultados obtidos a partir da análise. Os dados foram organizados em quatro categorias centrais: hipersexualização, objetificação, posição sexual e racismo. Cada uma delas será discutida a partir dos registros coletados no aplicativo, acompanhada de exemplos que ilustram os padrões identificados.

Hipersexualização

Figura 2 - Mensagens ilustrando a negociação de preferências raciais



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na Figura 2, observamos algumas das interações direcionadas aos perfis de Luan (nas duas telas à esquerda) e de Rafa (nas duas telas à direita). Em ambos os casos, foi possível identificar como o corpo negro continua sendo colocado em um lugar de hipererotização, seja pelo estereótipo de ser “viril” e “dotado” ou simplesmente por seu tom de pele.

Nas interações com o perfil de Luan, aparecem de forma explícita as expectativas projetadas sobre o corpo negro. Ao utilizar a seleção lexical “existe um estereótipo do negro ser viril, dotado”, o interlocutor reforça a insistência em reduzir o homem negro a atributos físicos ou a uma performance sexual esperada. Esse enunciado evidencia não apenas a naturalização do estereótipo do homem negro viril, mas também a expectativa racializada sobre sua posição sexual, geralmente associada à atividade, à dominação e à potência.

Já nas interações com o perfil de Rafa, à direita da imagem, o foco recai mais diretamente sobre o tom de pele. Como demonstra o trecho “eu não ligo pra cor, embora eu tenha mais desejo por homem negro”, o desejo, ainda que inconsciente em sua origem, é verbalizado de forma a reforçar a curiosidade e a fetichização. Esse tipo de formulação revela que o corpo negro é lido prioritariamente a partir da cor, acionando signos racializados mesmo quando o interlocutor afirma “não ligar para a cor”.

A interação apresentada na Figura 2 parte de um reconhecimento direto da existência do estereótipo, afirmando que o corpo negro, sobretudo o masculino, desperta curiosidade. Tal reconhecimento, contudo, não opera como crítica: o fetiche é nomeado e simultaneamente naturalizado. A pergunta “causa curiosidade?”, usada

de modo estratégico e aparentemente neutro, não rompe com a lógica racializada; ao contrário, o interlocutor a reforça ao responder “com certeza”. Assim, ele não apenas confirma, mas reafirma explicitamente que homens negros são viris e dotados, reproduzindo leituras automatizadas e internalizadas no no imaginário coletivo e no contexto do aplicativo.

Negro, magro e alto... logo, dotado! Ainda que a experiência corpo-espacial de pessoas negras seja constituída interseccionalmente, persistem imaginários que essencializam e universalizam o corpo negro a partir de uma única característica, como a sexualidade. Nesse sentido, o corpo negro é frequentemente lido na chave da hipersexualização.

Compreende-se, portanto, que a condição de subalternidade da população negra se manifesta também na esfera dos afetos e desejos. O fragmento “morenos/negros possuem uma tendencia maior a possuirem um corpo e membro inferior desejaveis” e “uma boa parte sempre cumpre com os padrões que meio que o público alvo almeja”, analisado por Silva (2024) em Quando um elogio reacende a ferida colonial e outras geografias homoeróticas, evidencia como o corpo negro, mesmo em silêncio, é interpretado a partir de um imaginário racial pré-estabelecido. Trata-se de um imaginário que não depende da autoafirmação do sujeito, mas que opera de forma autônoma, sustentado por um repertório coletivo de signos coloniais e racistas que ainda estruturam interações nos aplicativos de relacionamento, como no Grindr.

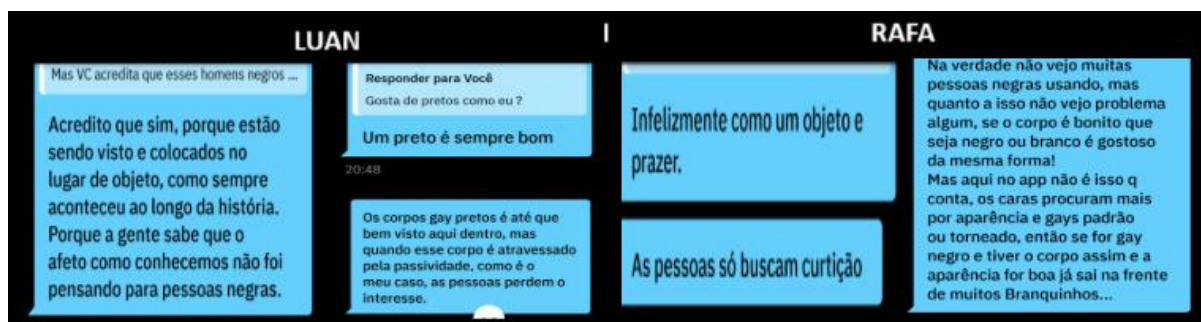
Objetificação

Na segunda categoria, buscamos analisar a objetificação do corpo negro e refletir sobre como essa percepção afeta os sujeitos. Os fragmentos apresentados correspondem a algumas das interações realizadas com os perfis de Luan e Rafa; contudo, diversos outros diálogos revelaram a mesma expectativa.

Ainda que, como aponta Miskolci (2017), as interações em aplicativos sejam geralmente diretas e rápidas, observamos que as fotos aliadas às tags nos perfis de Luan e Rafa ofereceram maior conforto para a prática da objetificação e da hipersexualização. Esse dado nos levou a questionar se o corpo negro, para além da dinâmica de objetificação característica dos aplicativos, não seria um alvo privilegiado nesse processo.

Nas figura 3, apresentamos algumas evidências que destacam a forma como esses corpos foram lidos por trás da tela no campo de nossa pesquisa. Refletir sobre essa categoria implica, ao mesmo tempo, pensar na dinâmica de determinados aplicativos que expõem corpos e que, ao entrar on-line, induzem o sujeito a criar um perfil, modificando a si mesmo em uma espécie de mercado sexual no qual os usuários passam a ser apresentados como produtos.

Figura 3 - Mensagens ilustrando a negociação de preferências raciais



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Como apontam Piscitelli, Assis e Olivar (2011, p. 10), “o termo mercado pode remeter a diferentes significados: ao terreno abstrato do intercâmbio de bens, à organização das relações sociais constitutivas da esfera da produção e ainda ao âmbito no qual tem lugar o consumo”. Ainda que o campo de pesquisa aqui discutido não seja o do sexo comercial, é interessante pensar a lógica de mercado diante de um campo simbólico.

Outro processo que aparece, ainda que implicitamente, refere-se à reprodução de comportamentos, gestos, performances e estéticas da cultura heterossexual hegemônica, normativa e compulsória (Butler, 2019), realizada por grupos que, paradoxalmente, desviam dessa norma, como é o caso dos homens homossexuais.

Essas práticas podem ser compreendidas como efeitos do que chamamos de síndrome do gay espelho de hétero, entendida como a lealdade inconsciente (ou consciente) do homem gay em relação ao modelo heterossexual. Essa lógica se manifesta quando suas expressões buscam refletir a masculinidade normativa, reproduzindo elementos postos por Miskolci (2017) como:

- * gestos (voz grave, caminhar “sem rebolar”);

- * práticas (musculação para garantir um “corpo padrão”);
- * estéticas (barba, cabelo, roupas, acessórios);
- * padrões de consumo e de gosto.

No Grindr, e de modo mais amplo nas interações observadas durante a etnografia, esse cenário se torna evidente quando comparados os perfis: Luan, posicionado como ativo, é mais procurado, enquanto Rafa, ao se colocar como passivo, logo atrelado a uma feminilidade, aparece como menos desejado, por ser lido como desviante dentro da lógica heteronormativa. como aponta Miskolci (2017) “Em meados da década de 1990, quando a internet se tornou disponível comercialmente, consolidara-se o ideal do “discreto e fora do meio”, portanto de um homem capaz de “passar por hétero”. A entrada on-line generalizou tal ideal que – nas plataformas de busca de parceiros – foi alçado a objeto do desejo”.

Esse quadro dialoga com o que aponta Victor Dantas Siqueira Pequeno, ao evidenciar que tal dinâmica se estende a diferentes esferas sociais, construindo o imaginário que associa pessoas negras à subalternidade e objetificação (Soares, 2021, p. 79). Trata-se de um dispositivo de controle e poder (Foucault, 2015) que reforça estereótipos sobre o corpo da mulher negra e do homem negro, delimitando como esses corpos deveriam/devem expressar suas identidades de gênero, sexualidades e papéis sociais.

Quando enunciados, mesmo sob a “melhor das intenções”, tais estereótipos reatualizam a ferida colonial que marcou a vida de negros e negras em prol de um projeto civilizatório racista, cristão e compulsoriamente heterossexista.

No caso da corporeidade masculina negra, o imaginário social associa identidade, virilidade e atividade sexual ao homem negro. No entanto, essa expectativa entra em conflito com as experiências de homens negros homossexuais, que, ao assumirem posições sexuais não normativas, desestabilizam a coerência do sistema sexo-gênero-sexualidade imposto sobre corpos racializados.

Essa tensão pode ser compreendida a partir da noção de “autenticidade negra”, conforme discutido por Mattheus Bibiano (2020). A rejeição ao corpo da *bixa preta* efeminada e periférica costuma ser justificada pela falaciosa ideia de “questão de gosto”. O risco dessa formulação está no fato de que naturaliza micro agressões racistas, tornando cada vez mais difícil assumir responsabilidade pelo que é dito e,

consequentemente, ainda mais difícil o enfrentamento crítico das violências racializadas.

Posição sexual

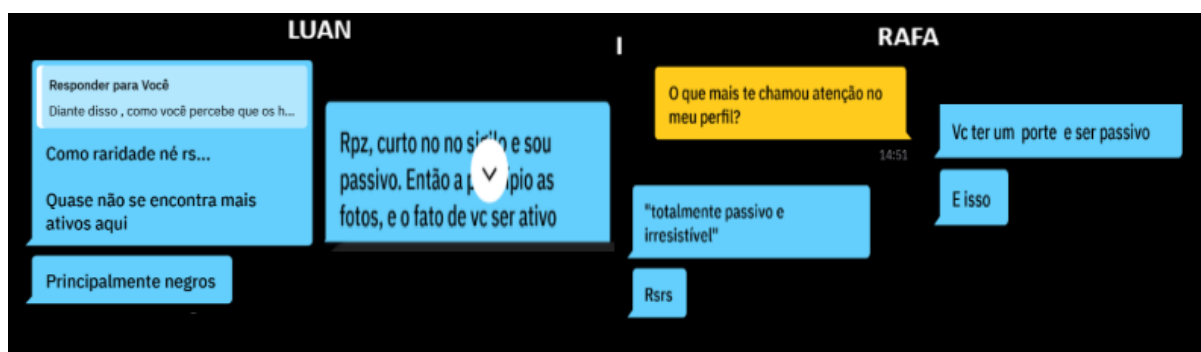
Como mencionado na categoria anterior, a posição sexual dos perfis foi o fator determinante para o sucesso de um e o insucesso de outro: Luan e Rafa, respectivamente. Os resultados obtidos foram bastante elucidativos, pois Luan foi amplamente procurado por ser percebido como um “negrão de tirar o chapéu”, enquanto Rafa não despertou tanto interesse ou, em outras palavras, não obteve destaque dentro da lógica virtual do aplicativo.

Considerando que ambos os perfis possuíam as mesmas características físicas, a única diferença relevante entre eles foi justamente a posição sexual descrita. Nesse sentido, Miskolci (2017) analisa como a busca por parceiros do mesmo sexo pode ser direcionada por uma série de fatores externos e culturais, capazes de influenciar as experiências nas plataformas digitais voltadas ao relacionamento: “Se, no passado, as pessoas tendiam a se identificar com tais imagens por similaridade comparativa, no presente tendem a buscar corporificá-las por meio de sua materialização performativa” (Miskolci, 2017, p. 274).

Ao longo do quase-experimento, observamos que a posição sexual foi constantemente mencionada como fator determinante na procura pelos perfis, seja pela busca incessante por uma “raridade” — no caso de Luan, por ser ativo —, seja pela forma como Rafa, por ser passivo, foi menos valorizado. Recorremos novamente a Miskolci (2017), que lembra: “Historicamente, homens homossexuais femininos tiveram menor reconhecimento social por encarnarem, de forma mais evidente, o desejo homossexual, tornando-se alvo das mais variadas violências simbólicas e físicas” (Miskolci, 2017, p. 278).

Além disso, constatamos que, em função do maior número de interações recebidas, Luan fornece mais evidências em todas as categorias analisadas, enquanto Rafa apresentou registros consideravelmente mais reduzidos.

Figura 4 - Mensagens ilustrando a negociação de preferências de posição sexual



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Nos fragmentos apresentados acima, buscou-se elucidar as abordagens direcionadas aos perfis de Luan e Rafa. Fica evidente que, nas interações relacionadas a Luan, há uma recorrência de associações que articulam dupla preferência: “atividade sexual + ser negro” e “atividade sexual + as fotos” (nas quais o tom de pele era constantemente destacado). Já nas interações com Rafa, essa dupla preferência não se mostrou tão evidente, ainda que sua descrição e fotografias o apresentassem como “negão”. Nesse caso, o aspecto mais ressaltado foi sua posição sexual, sobretudo por se declarar “totalmente passivo” ou “ser passivo”, como exposto na imagem.

É necessário, contudo, delimitar alguns filtros dentro do amplo grupo de homens homossexuais para identificar aqueles mais afetados, constrangidos, descaracterizados e, por vezes, violentados em razão de táticas herdadas do classicismo branco e da heterossexualidade compulsória. A chamada “síndrome do gay espelho de hétero” é agenciada a partir de recortes específicos de raça e classe; geralmente, homens brancos e de classe média/alta são os que mais se beneficiam dessa hierarquização dos corpos. Isso não significa que homens negros e pobres não reproduzam condutas associadas à masculinidade heteronormativa. Contudo, como pontua Pequeno (2024), o que ganha maior visibilidade e rentabilidade no mercado do desejo e da beleza está atrelado ao corpo branco, masculino e viril.

Por sua vez, homens homossexuais efeminados (as “bixas”, as “poc poc”), negros, gordos e pessoas com deficiência continuam ocupando o lugar de escória dentro da comunidade. No caso analisado, percebemos que, ainda que Rafa correspondesse a certos padrões valorizados fisicamente, o fato de se autodescrever

como passivo fez com que não alcançasse o mesmo êxito de Luan. As interações recebidas por Rafa mostram-se superficiais em termos de interesse, ao passo que aqueles que procuraram Luan se revelaram mais insistentes, mesmo após a revelação de que o perfil fazia parte de um quase-experimento. No caso de Rafa, a exposição da pesquisa reforçou a sensação de desinteresse; já em relação a Luan, alguns interlocutores demonstraram desejo de manter a conversa e outros chegaram a expressar interesse em conquistar os pesquisadores. Como ressalta Grohmann (2016), especificamente no que se refere ao Grindr, por se tratar de um arranjo histórico-social no qual a masculinidade é valorizada, observa-se uma constante negação do feminino e/ou do não-másculo.

Racismo

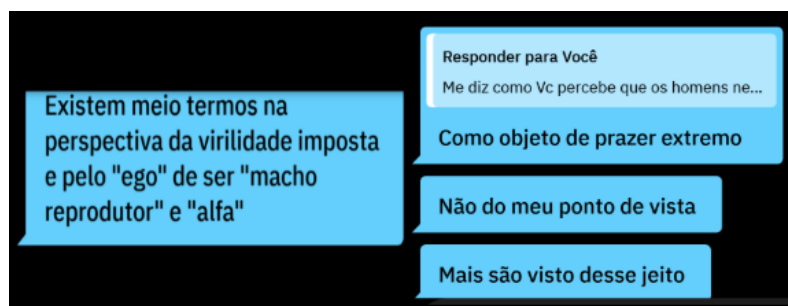
A princípio, não era objetivo deste experimento analisar falas ou expressões de caráter racista. No entanto, diante das evidências surgidas após a fase de campo no aplicativo, deparamo-nos com diversas mensagens que, no momento do quase-experimento inicial, passaram despercebidas, mas que, durante a análise dos dados, revelaram-se fundamentais para compreender a persistência de um imaginário racista nas interações digitais. Esse aspecto reforça a necessidade de refletirmos sobre como os aplicativos de relacionamento não apenas reproduzem, mas podem intensificar práticas discriminatórias, evidenciando que o meio digital se constitui, em muitas situações, como um espaço tão ou até mais violento do que os presenciais.

Como afirma Silvio Almeida (2019, p. 32):

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como 'normais' em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais.

Esse cenário aparece em várias mensagens, revelando que a percepção sobre o corpo negro ainda é fortemente enviesada por estigmas e preconceitos. Como já mencionado, identificamos algumas falas especialmente problemáticas voltadas ao perfil de Luan; já no perfil de Rafa, não encontramos fragmentos de racismo explícito.

Figura 5 – Mensagens ilustrando a negociação de preferências raciais racistas



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Ao analisarmos a frase “virilidade imposta e pelo ego de ser macho reprodutor e alfa”, observamos uma característica recorrentemente associada ao corpo negro: a ideia do homem como reprodutor. Nesse ponto, recorremos a Sodré (1999), que afirma: “A corporeidade negra é atravessada por um imaginário social que a inscreve em lugares de desejo e exotização, reforçando padrões herdados de estruturas coloniais”. Perceber como essas representações permanecem vinculadas ao corpo negro significa reconhecer que um imaginário sustentado por uma cultura racista ainda se faz presente no coletivo social. Reduzir o corpo negro a objeto reprodutor equivale a validar, ao longo dos anos, a violência histórica que o atravessa.

A leitura social desse corpo é pré-definida e carregada de sentidos. Para Almeida (2019), o racismo deve ser compreendido como elemento constitutivo das estruturas sociais, jurídicas e econômicas, o que se alinha à noção de um racismo estrutural. A partir disso, estabelecem-se diferenças morais sustentadas pela crença de que existiriam características intrínsecas aos sujeitos racializados. Tal perspectiva evidencia como a base estrutural do racismo está diretamente relacionada à mentalidade social, operando na forma como os corpos são percebidos, classificados e hierarquizados cotidianamente.

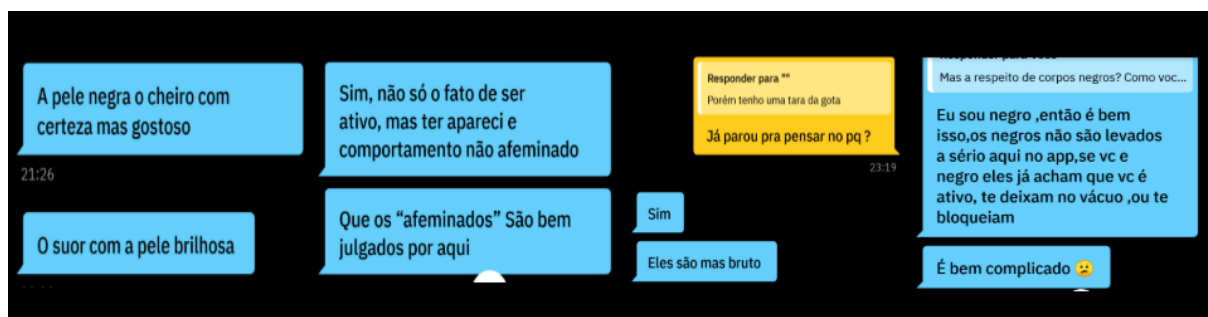
Do mesmo modo, expressões como “objeto de prazer extremo” remetem às análises de Fanon (2020), que observa: “O gosto é produzido e legitimado por imaginários racistas; a sexualidade negra é construída a partir da diferença racializada”. Fanon evidencia como a sexualidade negra pode ser capturada por esses imaginários racistas. Neste experimento, foi possível dimensionar como tais percepções se manifestam, ora de forma disfarçada, ora de maneira explícita. No ambiente digital, essas práticas se reproduzem com naturalidade, o que confirma o diagnóstico de Almeida (2019), ao afirmar que uma sociedade que não enfrenta

ativamente o racismo acaba por torná-lo natural. Nesse sentido, analisar as interações estabelecidas no Grindr não significa apenas compreender a lógica interna do aplicativo, mas também refletir sobre como a sociedade brasileira continua a sustentar, consciente ou inconscientemente, discursos e práticas que reduzem corpos negros a objetos de desejo e fantasia.

Experiências negras em aplicativos de relacionamento

Nesta seção, buscamos revisitar as categorias anteriormente descritas a fim de dimensionar as diferentes experiências de homens negros em aplicativos de relacionamento, considerando que corpos identificados como ativos ou passivos vivenciam experiências distintas. Para além dos resultados apresentados, esta pesquisa buscou entender de que modo esses corpos são afetados ao serem atravessados por relações de desejo no campo digital. Essa perspectiva dialoga com a análise de Miskolci (2017), que associa o desejo homoerótico a uma espécie de “desejo proibido”, marcado historicamente pela relação com a epidemia do HIV. Nesse cenário, a era digital se apresenta como um novo circuito de sociabilidade, produzindo formas inéditas de socialização.

Figura 6 - Mensagens ilustrando preferências dos usuários



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O digital, nesse sentido, não deve ser entendido apenas como definição técnica, mas como a caracterização de um mundo marcado pela conexão permanente mediada por tecnologias comunicacionais. Tais conexões envolvem não apenas os suportes materiais notebooks, tablets, smartphones, mas também diferentes tipos de redes de acesso, conteúdos compartilháveis e, sobretudo, plataformas de conectividade. Em termos sociológicos, o que define nossa era é a lógica da rede:

enquanto o digital se opõe ao analógico por enfatizar o funcionamento tecnológico, a conexão em rede evidencia a maneira como relações sociais são construídas e mediadas por essas plataformas.

Como aponta Miskolci (2017), tais plataformas não apenas reproduzem, mas também reconfiguram modos de se relacionar, o que se projeta diretamente nas experiências atuais. No entanto, como já observado, o corpo negro segue associado a uma série de atributos que reforçam violências históricas. Os fragmentos coletados com os perfis desta pesquisa evidenciam como tais associações atravessam os sujeitos, que muitas vezes acabam por se submeter ou até naturalizar essas violências. Um exemplo é a fala: “a pele negra, o cheiro... o suor com a pele brilhosa”, que nos leva a refletir sobre a permanência de imaginários raciais produzidos ao longo de séculos. Em outra interação, ao questionar o motivo de determinada “tara”, a resposta foi: “eles são mais brutos”. Tal percepção dialoga com o que Kwame Anthony Appiah (1996) conceitua como “racismo intrínseco”, isto é, a crença de que diferenças raciais correspondem a essências morais ou comportamentais imutáveis, capazes de determinar caráter e conduta. Nesse sentido, atrelar a negritude à brutalidade significa, simultaneamente, animalizar tais corpos. Esse é apenas um dos inúmeros fragmentos que revelam comparações, atribuições e estigmatizações que reduzem e inferiorizam sujeitos negros, produzindo marcas que vão além do que é enunciado nos diálogos.

Outro fator recorrente observado diz respeito às preferências sexuais expressas nos aplicativos. Foi comum identificar a desqualificação do corpo negro, articulada também a outros marcadores, como gênero e performance. Em frases como “os afeminados são bem julgados aqui”, emergem tanto a aversão ao feminino quanto a rejeição de determinados modos de aparência e comportamento, demonstrando como o estigma atravessa diferentes camadas.

Nesse ponto, é importante lembrar que o termo *queer*, elaborado pelas teorias desconstrucionistas e pós-estruturalistas, constitui-se como experiência, postura, posicionamento político e chave interpretativa que recusa associações rígidas com binarismos como homem/mulher, hétero/homo, cisgênero/transgênero e masculinidade/feminilidade (Butler, 2019; Preciado, 2011). Contudo, como

demonstram as interações analisadas, esses binarismos permanecem operando nos aplicativos, reforçando hierarquias e exclusões.

As diferenças nos marcadores de gênero e sexualidade, entretanto, não se encerram em estética, gestos ou anatomia corporal. Como aponta Furlong (2011), na expressão “bicha pintosa” há também uma inscrição de classe e cor: pobre e negra. Assim, as polarizações observadas, masculinidade/feminilidade, ricos/pobres, brancos/negros, longe de atuarem isoladamente, se articulam para complexificar a hierarquização dos corpos e desejos, instaurando ainda outra oposição: beleza/feiura.

Essa polarização torna-se bastante evidente na fala: “quando você é negro, eles já acham que você é ativo”. Ao não corresponder a essa expectativa, o sujeito deixa de cumprir o papel que lhe é socialmente atribuído, e essa situação se mostrou recorrente em diversas interações ao longo da pesquisa. Retomando a questão inicial desta seção, é possível refletir: será que esses corpos percebem o quanto são violentados nesses espaços? Será que se submetem, de forma consciente, a situações como ser “bloqueados” ou deixados “no vácuo”, como indicado no relato da figura 6?

Infelizmente, tais práticas, ainda que muitas vezes passem despercebidas ou sejam naturalizadas, estão profundamente vinculadas a inúmeras violências simbólicas que marcam, de modo persistente, as experiências dos usuários negros nos aplicativos de relacionamento.

Considerações finais

A partir da investigação sobre como o corpo negro é percebido nos aplicativos de relacionamento, observou-se que os corpos de homens negros, historicamente, foram e continuam sendo alvo de uma série de violências, sobretudo nos meios digitais.

Diante disso, optou-se por fragmentar e reorientar o percurso da pesquisa ao longo das interações, organizando os diálogos em categorias capazes de dimensionar o lugar que o corpo de homens negros ocupa. O quase-experimento teve duração total de seis meses, divididos em dois momentos: três meses com o perfil ativo e três meses com o perfil passivo. Em ambos os períodos, os perfis permaneceram online

por 25 horas cada. O perfil ativo recebeu aproximadamente 86 interações, enquanto o passivo recebeu apenas 14.

As conclusões indicam que homens negros que se apresentam como ativos são inseridos no imaginário popular como corpos viris e masculinos, correspondendo às expectativas hegemônicas no campo da sexualidade. Como aponta Grohmann (2016), o Grindr opera por meio de uma construção social do gosto que classifica alguns sujeitos como legítimos e outros como ilegítimos, modulando discursivamente quem alcança sucesso no aplicativo. Essa lógica, longe de ser neutra, reproduz distinções e relações de poder já existentes na sociedade, inclusive as de caráter racial.

Por outro lado, homens negros que se apresentam como passivos destoam dessas expectativas, sendo menos procurados e frequentemente percebidos como desviantes (Grohmann, 2016). No Grindr, por se tratar de um arranjo histórico-social em que a masculinidade é valorizada, observa-se uma constante negação do feminino e/ou do não-másculo. Essa dinâmica se articula ao imaginário racista que associa o corpo negro à virilidade, reforçando a expectativa de que o homem negro seja sempre ativo. Assim, quando essa expectativa é frustrada, o perfil é desvalorizado, revelando como raça e sexualidade se entrelaçam na produção de hierarquias do desejo.

Esses achados corroboram a análise de Sodré (1999) e Fanon (2020) sobre a construção histórica do corpo negro como objeto de desejo e exotização, evidenciando que tais representações continuam presentes no ambiente digital. O quase-experimento demonstra que, embora digitais, os aplicativos de relacionamento reproduzem hierarquias e padrões de masculinidade hegemônica, tornando esses ambientes espaços de sociabilidade que hipersexualizam, objetificam e inferiorizam corpos. Como destacado anteriormente, embora o estudo tenha se concentrado em perfis simulados, futuras pesquisas poderiam explorar experiências aut nticas de usuários, ampliando a compreensão sobre as interseccionalidades de raça, classe e sexualidade nos ambientes digitais.

Habitar Luan e Rafa foi, ao mesmo tempo, um exercício desafiador e enriquecedor. Desafiador, porque significou lidar com múltiplas interações que, mesmo mediadas pela tela, carregavam densidades simbólicas e violências sutis explícitas. Enriquecedor, porque permitiu refletir sobre a forma como discursos e percepções racistas continuam sendo reproduzidos e, em muitos casos,

naturalizados, inclusive por aqueles que, estão ou estiveram na posição de questioná-los. Essa experiência, portanto, não apenas revelou o imaginário que recai sobre corpos negros no ambiente digital, como também convocou a uma autorreflexão crítica sobre o lugar que ocupamos e sobre nossas próprias reproduções nessas redes de significado.

Referências

AHLM, Cecilia. Respectable promiscuity: digital cruising in post-AIDS Sweden. *Journal of homosexuality*, v. 64, n. 4, p. 1-20, 2017.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

APPIAH, Kwame Anthony. *Racism*. In: APPIAH, Kwame Anthony; GUTMANN, Amy (org.). **Color Conscious: The Political Morality of Race**. Princeton: Princeton University Press, 1996.

BIBIANO, Mattheus. **Autenticidade negra e sexualidade: masculinidades em disputa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BLACKWELL, Courtney; BIRNHOLTZ, Jeremy; ABBOTT, Charles. Seeing and being seen: Co-situation and impression formation using Grindr, a location-aware gay dating app. *New Media & Society*, v. 17, n. 7, p. 1117-1136, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. 5. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

FREEPIK. Banco de imagens gratuito. Disponível em: <https://br.freepik.com/>. Acesso em: 23 set. 2025.

FURLONG, Brigitte. A bicha pintosa: figuração do feminino em territórios homoeróticos. **Revista Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades**, Natal, v. 5, n. 6, p. 97-115, 2011.

GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GROHMANN, Rafael. O perfil do usuário como mercadoria: aplicativos de encontro, trabalho digital e produção de valor. *Revista E-compós*, Brasília, v. 19, n. 1, p. 1-20, 2016.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros online. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MONACO, Helena Motta. “A gente existe!”: ativismo e narrativas bissexuais em coletivo monodissidente. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2020.

PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto.

Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: UNICAMP, 2011.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2011.

SOARES, Victor Dantas Siqueira Pequeno. **Corpos negros e masculinidades em disputa**: sexualidade, desejo e poder. Fortaleza: EdUECE, 2021.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.